



## A INAUGURAÇÃO DE BRASÍLIA PELAS LENTES DOS FOTÓGRAFOS DE *O CRUZEIRO E MANCHETE*

**Silvana Louzada**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
da Universidade Federal Fluminense

[silvanalouzada@hotmail.com](mailto:silvanalouzada@hotmail.com)

### "A CAPITAL DA ESPERANÇA" <sup>1</sup>

Os debates acerca da transferência da capital do país para o interior têm seus primeiros registros em 1750, antes mesmo da mudança da capital de Salvador para o Rio de Janeiro, em 1763.<sup>2</sup> A idéia é explicitada na Constituição de 1891, registrando a intenção republicana de retomada do mito de uma capital interiorana que iria ao encontro dos ideais oitocentistas da razão, progresso e industrialização e que destoavam completamente da turbulência e irreverência do ambiente urbano do Rio de Janeiro.

Juscelino Kubitschek abraça a idéia ao ver nela a materialização de seu desenvolvimentismo, o marco inapelável do espírito de modernidade que o país experimenta graças ao dinamismo, à audácia e ao pioneirismo, traços do temperamento do presidente que seu projeto queria valorizados. Para Helena Bomeny Juscelino *"selaria o conjunto de atributos a ele conferido pelo imaginário cultural com a criação da nova capital do país. Brasília viria como 'meta-síntese' das 30 metas iniciais com as quais acenava para a nação em campanha eleitoral"*.<sup>3</sup>

Não poderia, portanto, ser uma cidade qualquer. Deveria ser voltada para o futuro, capaz de personificar e exibir para todo o país e para o mundo a modernidade almejada. Nada melhor, portanto, que uma cidade planejada, com um plano urbanístico calcado nos preceitos racionais e revolucionários da moderna Carta de Atenas. Assinado por Lúcio Costa, afinado

---

<sup>1</sup> MALRAUX, André. Revista Manchete, 21 de abril de 1960, p. 48

<sup>2</sup> BOMENY, Helena. *Utopias de cidade: as capitais do modernismo*. In: GOMES, Angela de Castro (Coord.). O Brasil de JK. Rio de Janeiro : Ed. Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991

<sup>3</sup> BOMENY. Op. Cit. pag. 146



com o mestre Le Corbusier, o Plano Piloto de Brasília se inseria no que havia de mais moderno na década de 1950. Já os monumentos da nova capital trariam a marca do monumental nas arrojadas curvas de Oscar Niemeyer, testemunho do gênio brasileiro na arquitetura, cuja parceria com JK já obtivera sucesso em Belo Horizonte na construção da área de lazer do bairro da Pampulha.

A nova capital, além de símbolo do ideal modernizador do período, seria também um instrumento para a consolidação de uma idéia de nação que passava pela integração nacional e demandava a plena unidade territorial. Ao mesmo tempo, era preciso abrir o país para o mercado internacional. Para recebê-lo era necessária uma nova sala de visitas para o país, limpa, bonita e moderna.

Brasília será, no momento de sua inauguração, a prova material para o imaginário popular da vitória da modernização contra o atraso, da consolidação da moderna identidade nacional e a pedra inaugural do *País do Futuro*, na sua marcha inexorável rumo ao seu *grande destino*, como Juscelino explicitaria ao assinar o primeiro ato no local da futura capital, em 2 de outubro de 1956:

Deste Planalto Central, dessa solidão, que em breve se transformará no cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez para o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada, com fé inquebrantável, e uma confiança sem limites no seu grande destino.

## **OFF-SET E ROTOGRAVURA: MODERNIDADE E TRADIÇÃO**

As revistas ilustradas, desde o princípio do século XX, incorporaram a fotografia como uma valiosa aliada na revolução gráfica do jornalismo moderno. Para conquistar um público cada vez maior e mais heterogêneo buscou-se o uso da imagem combinada com textos mais condensados. A partir da segunda e terceira décadas do século passado, as revistas ilustradas internacionais vão descobrindo a vocação de complemento da imprensa diária, oferecendo aos leitores o aprofundamento das notícias do dia-a-dia. No Brasil, *O Cruzeiro* inicia esta transformação em 1943, dando início a um salto de qualidade na imprensa, com a introdução da grande reportagem. Esta mudança foi a responsável pela introdução na imprensa brasileira do crédito fotográfico, das duplas fotógrafo/repórter assinando e muitas

vezes pautando e editando juntos as matérias como também pela valorização e mesmo glamourização da profissão de repórter fotográfico.

Em 1953 surge a única grande revista que viria a se rivalizar com *O Cruzeiro*. É *Manchete*, do gráfico de origem russa Adolpho Bloch, que introduz no mercado editorial brasileiro uma impressão de alta qualidade, justamente o calcanhar-de-aquiles de *O Cruzeiro*. Segundo Glauco Carneiro havia um axioma na imprensa da época: “*O Cruzeiro* é uma revista que se dá ao luxo de ter uma gráfica, enquanto *Manchete* é uma gráfica que se dá ao luxo de ter uma revista”.<sup>4</sup>

A partir de 1959, *Manchete* se consolida como principal concorrente de *O Cruzeiro* apostando nas fotos de impacto, texto leve e superficial e a apresentação gráfica excelente, capaz de rivalizar com as melhores revistas de futilidades internacionais. *O Cruzeiro* não busca a renovação, insistindo em sua consolidada porém desgastada fórmula. No final da década de 1950, *O Cruzeiro* ainda apresentava uma revista mal impressa, rodada no ultrapassado processo de rotogravura, enquanto *Manchete* tinha seu produto bem impresso, em off-set, com registro perfeito. As cores perfeitas de *Manchete* embotavam ainda mais o tom sépia de *O Cruzeiro*.

Mas o lugar de concorrente incômoda que *Manchete* conquistou não se deve apenas à excelência de sua impressão. Adolpho Bloch apóia entusiasticamente a construção de Brasília, produzindo edições especiais sem nenhum ônus direto para o governo de Juscelino Kubitschek, enquanto *O Cruzeiro* sustenta campanha hostil à nova capital. Desta forma, as verbas publicitárias tendem a migrar para a nova revista, o que representa um grande baque, uma vez que as matérias publicitárias ocupavam de 30 a 35% das 96 páginas de *O Cruzeiro*.<sup>5</sup>

A identificação de Bloch com Kubitschek, que gradativamente irá evoluir para uma sólida amizade, é em grande parte pautada pelo otimismo e o espírito empreendedor, comum ao temperamento de ambos, como assinala Murilo Melo Filho:

Quando Adolpho Bloch entrou no mercado para enfrentar a grande revista que era *O Cruzeiro* e a força dos Diários Associados, optou pela técnica das grandes publicações mundiais, mas com filosofia editorial voltada fundamentalmente

---

<sup>4</sup> CARNEIRO, Glauco. *Brasil, primeiro: história dos Diários Associados*. Brasília, DF: Fundação Assis Chateaubriand. 1999. p. 371.

<sup>5</sup> PEREGRINO, Nadja. *O Cruzeiro – A Revolução Da Fotorreportagem*. Rio de Janeiro : Ágil / Dazibao. 1991

para o enfoque das coisas positivas ... deixando a apresentação dos aspectos negativos para a concorrência.<sup>6</sup>

Por outro lado O Cruzeiro mantém sua forma já cristalizada, baseada na reportagem ilustrada e questionadora. Assis Chateaubriand, poderoso dono do império de comunicação, os Diários Associados, sabe como ninguém se mover no cenário político brasileiro não medindo meios para conseguir seus objetivos. Não é um entusiasta da transferência da capital, mantendo-se a uma distância crítica segura para seus interesses e sua visão conservadora de democracia, afinada com o ideário da UDN.

O período de governo de JK marca a consolidação de Manchete e já se desenha o início da decadência de O Cruzeiro.

É um período em que a fotografia de imprensa brasileira vive uma de suas fases mais produtivas, com novas tecnologias não só na área gráfica e fotográfica - que davam mais liberdade e dinamismo ao fotógrafo e aos veículos de imprensa - como pela melhoria dos meios de transporte e comunicação, que permitem que as revistas cheguem, via aérea, no mesmo dia, a todos os quadrantes país.

O rádio é o veículo de comunicação mais ágil e abrangente, não há um jornal nacional e a televisão apenas começa a se consolidar e popularizar. Dar a forma da notícia, levar a imagem aos locais mais distantes, é atributo da revista ilustrada que vive sua grande fase, com centenas de milhares de leitores. As revistas brasileiras que até então eram lidas no centro-sul, passam a ser distribuídas em todo país. Em ocasiões especiais chegam até a antecipar suas datas para permanecerem atuais em todo o território nacional.

Por sua vez os repórteres fotográficos têm a seu dispor câmeras mais leves e lentes mais claras, filmes mais rápidos, flashes cada vez mais eficientes e o desenvolvimento da telefonia irá possibilitar, ainda que lentamente, o inédito uso da telefoto. A modernidade chega definitivamente à fotografia, como de resto a tudo no país. O fotógrafo de revista vai adquirindo outro status. Enquanto o repórter fotográfico de jornal continua estigmatizado por seu comportamento inadequado, sendo muitas vezes vigiado de perto em casamentos para que não roube os presentes dos noivos, os fotógrafos das revistas ilustradas atraem respeito e

---

<sup>6</sup> Apud CARNEIRO, 1999 : 372



admiração<sup>7</sup>. Este profissional, tradicionalmente discriminado, entra agora pela porta da frente em repartições públicas e recepções, sendo muitas vezes tratado como uma estrela. São profissionais orgulhosos de seu trabalho e que vão aos poucos tomando consciência do grande poder que tem a fotografia de imprensa.

## **O FUTURO JÁ TEM CAPITAL: BRASÍLIA<sup>8</sup>**

*O Cruzeiro* registra a inauguração de Brasília na sua edição de 7 de maio de 1960, de 144 páginas e tiragem declarada de 550 mil exemplares. A capa da revista é tomada pela foto colorida de Juscelino sorridente e acenando sobre uma fotomontagem que continua numa dobradura do mesmo tamanho com a chamada: "EXTRA: reportagem completa sobre a inauguração de Brasília". Logo abaixo a "*Conversa Com O Leitor*" (editorial) explicita o caráter documental da edição:

Esta edição de "O Cruzeiro" é histórica: nela se inserem, num trabalho em profundidade, os aspectos mais expressivos da inauguração de Brasília. Para uma perfeita cobertura do acontecimento, cuja repercussão ultrapassou as nossas fronteiras, a ser festejado em todo o mundo, esta Revista deslocou para o Planalto Central uma equipe de quinze repórteres e fotógrafos que, já hoje, lhe entregam a imagem nítida do que ocorreu no lançamento da nova Capital Federal. ... Sensível a tôdas essas repercussões do advento da nova metrópole, "O Cruzeiro" apresenta do acontecimento um retrato de corpo inteiro. Um extra que vale por uma esplêndida contribuição histórica.

Apesar da pompa e circunstância que o editorial atribui à inauguração da capital, este evento irá ocupar apenas 21% da revista, na forma de um caderno especial de trinta e duas páginas denominado no editorial como "*extra*", com numeração diferenciada em algarismos romanos. A inserção de cadernos especiais neste formato era comum na revista, geralmente motivado por aumento de publicidade. Era disputado pelos fotógrafos, que tiravam matérias da gaveta e tinham oportunidade de ganhar mais algum dinheiro, já que havia uma remuneração por foto publicada.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> DAMM, Flávio – entrevista concedida a Ana Maria Mauad e Silvana Louzada em 24/4/2003. Depositada no laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) do Departamento de História da UFF

<sup>8</sup> O CRUZEIRO. 7 de maio de 1960, Caderno Especial, p. I

<sup>9</sup> Flávio Damm, 24/04/2003

O *Extra* da inauguração de Brasília não representa, portanto, uma grande mudança na rotina da revista. Ainda dentro do caderno, sob a numeração romana, estão duas matérias sobre assuntos completamente estranhos a Brasília e a Juscelino Kubitschek. Uma, ocupando meia página tem o título "*David Nasser, Coragem de Homem*" e reproduz uma carta de uma tal "*Doutora Radmilla Pavic, assistente do famoso bacteriologista, Prof. Mooser, do Instituto de Higiene da Universidade de Zurich*" onde Nasser é chamado de "*o maior jornalista do mundo*". A comprovação da veracidade da elogiosa carta é feita pela reprodução do envelope no topo da matéria. Abaixo do texto a foto do jornalista, sentado no chão em meio a inúmeros papéis, procura mostrar sua volumosa correspondência. Ainda dentro do *Extra* outra matéria ocupa metade da página XXVIII com três fotos e continua ocupando um terço da página seguinte. Trata de uma visita a *O Cruzeiro* feita pelo "*preeminente político e sociólogo americano*" Adlai Stevenson.

Apesar do *Extra* não representar um grande investimento em termos gráficos, *O Cruzeiro* mobiliza sua redação para a cobertura da Inauguração. Na primeira página do Caderno, sobre o fundo escuro de uma cartola em primeiro plano e com o Congresso Nacional ao fundo, a apresentação:

O Brasil, com a sua nova Capital, deixa para trás o próprio tempo. Brasília saltou por cima do Século XX. É um poema com a marca da imortalidade. É de cimento e de sonho. Eis o que traduz a cobertura dos repórteres Ubiratan Lemos, Audálio Dantas, Luiz Carlos Barreto, José Medeiros, Ronaldo Moraes, Paulo Namorado, Geraldo Viola, Rubens Américo e Lisl Steiner.

A maioria da equipe é composta por fotógrafos, o que ocorria habitualmente nas grandes coberturas, uma vez que era comum o repórter fotográfico redigir o texto das matérias que fotografava. Os que não tinham esta capacidade ditavam o que se passara ao redator.

A foto da capa da revista é identificada na primeira página, na tradicional seção "*Nossa Capa*" com o texto: "*O Presidente JK, o pioneiro número um de Brasília, viu o seu sonho realizado. A cidade construída no Planalto já é Capital do Brasil. A foto, em cores, é de Ed Keffel*". O crédito dado a Keffel (chefe do departamento fotográfico e exímio técnico da arte fotográfica) e a valorização do fato da fotografia ser colorida é coerente com a parca produção a cores da revista. Já no alvorecer da década de 1960 *O Cruzeiro* ainda colore suas fotos originalmente produzidas em preto e branco.

O *Extra* tem 44<sup>10</sup> fotografias, todas em preto e branco, representando 37% do total das 118 fotos da revista. Só há três fotos coloridas de toda edição<sup>11</sup>: uma culinária, de página inteira, feita por Paulo Namorado, geralmente o encarregado destas produções, e duas de moda, uma de página inteira e a outra de 13x7 cm que, juntamente com outras três em preto e branco têm os créditos para Federici, Rapho e UPI.

Predominam também as fotos de pequeno formato (menores que meia página): 84,5 % no total da edição, chegando a 89% se não forem computadas as fotografias do *Extra*. Se somarmos às fotos de pequeno formato as de meia e três quartos de página, o percentual passa para 92% e 98% respectivamente. Apenas três fotos de grande formato (uma de página e meia e duas de página inteira) estão fora do *Extra*, sendo que as de página inteira são as coloridas já mencionadas. Mesmo contabilizando estas fotos, 84,5% das fotografias de maior formato (incluindo página dupla) estão no *Extra*.

O grande formato é prioritariamente dedicado à cidade e sua arquitetura. São sobre este tema as duas únicas fotos de página dupla do Caderno (e da Revista) e outras duas de um total de dez de página inteira (20% das fotos neste formato). Apenas duas fotos, 6,5% do total de fotos menores que meia página, são dedicadas à cidade de Brasília.

O segundo tema mais contemplado com as maiores fotos é o presidente Juscelino. Das 44 fotos do *Extra*, onze (25%) são de página inteira. Destas onze, JK é o principal assunto em quatro, perfazendo, portanto, 36% das fotos neste formato. Das também onze fotos do presidente, sete (63,5%) são menores que meia página. É importante notar que este é o formato preferencial do colunismo social, presente neste caderno, onde estão quatro das fotos de JK deste tamanho.

A edição das matérias irá seguir um percurso que, como veremos, é similar ao da concorrente, iniciando com as solenidades oficiais, permeada por fotos da cidade, e finalizando com o colunismo social no Baile Oficial ("*o primeiro encontro de casacas da nova capital*") e das festividades populares (a "*parte recreativa*"). A última fotografia do *Extra* é um close do rosto de JK gargalhando, com uma pequena legenda no canto inferior

---

<sup>10</sup> Não foram contabilizadas as 4 fotografias das matérias já mencionadas sobre Nasser e Stevenson, assim como 6 fotos de uma matéria paga de página dupla sobre as casas dos funcionários da Caixa Econômica Federal.

<sup>11</sup> Ao contrário desta produção, de responsabilidade da equipe da revista ou de agências, há grande quantidade de fotos coloridas de publicidade publicadas nesta edição.



direito: "*JK, O HOMEM DO SÉCULO, esperou três anos e meio para dar a gargalhada da vitória. Ele cumpriu a palavra antiga: Brasília, adulta, emociona o mundo inteiro*".

## **DESLUMBRAMENTO E EMOÇÃO<sup>12</sup>**

A revista *Manchete* apresenta uma edição especial de 100 páginas totalmente dedicada à inauguração de Brasília, datada de 21 de abril de 1960. A edição não foi às bancas neste dia<sup>13</sup>, mas não há referência na revista da data. A tiragem também não é mencionada.

A capa e contracapa são ocupadas por uma foto noturna colorida do Congresso Nacional, ficando a metade com a Câmara dos Deputados na capa e a outra metade, com o Senado Federal, na contracapa. Acima da Câmara, sobre o céu escuro os dizeres em amarelo: "*BRASÍLIA, Edição Histórica*". Já na contracapa, no céu sobre o Senado, uma fotografia de 18x18 cm. de Juscelino, D. Sarah e o Cardeal Dom Manoel Gonçalves Cerejeira.<sup>14</sup> Na segunda capa um anúncio colorido de página inteira da Coca Cola sobre uma foto de uma parede onde está reproduzido o histórico discurso de Juscelino de 2 de outubro de 1956. Na terceira capa a foto colorida da "*Capela do Palácio da Alvorada, ponto alto da arquitetura revolucionária de Brasília*".

A revista não tem editorial. Na página 5, abaixo da foto do sino que anunciou a morte de Tiradentes em primeiro plano e o Palácio do Planalto ao fundo, a lista dos profissionais que "*colaboraram neste número*". Encabeçada por Adolpho Bloch, seguido de diretores da *Manchete*, repórteres, colunistas sociais, traz, no fim, os fotógrafos. A ordem é, portanto, hierárquica, e os fotógrafos ocupam a base desta pirâmide. Não há índice das matérias. Apenas o endereço da redação e administração e o da distribuidora.

Em seguida a revista abre uma foto em página dupla da Praça dos Três Poderes tomada pelo povo e o Palácio do Planalto ao fundo. No canto esquerdo o logotipo de *Manchete* em vermelho sobre tarja preta. Na outra extremidade, na página seguinte, sobre o céu, a legenda: "*Começa aqui a nova história do Brasil: JK recebe as chaves da Capital*". No canto inferior esquerdo, ainda sobre a foto em página dupla, uma pequena fotografia (14 x 8

---

<sup>12</sup> *Manchete* edição de 21 de abril de 1960, pp. 82 e 83, sobre foto do Congresso Nacional.

<sup>13</sup> A página 83 traz matéria sobre o encerramento das festividades, datada de 23 de abril de 1960.

<sup>14</sup> A fotografia não vem acompanhada de nenhum texto. A identificação foi feita pela autora.



cm) de JK com a chave da cidade sendo aplaudido por João Goulart. Com uma margem branca, tem a legenda: "*Sob os aplausos do povo e do Sr. Goulart, JK ergue o símbolo da nova sede do governo*". Ao lado desta foto, com corpo de também 14 cm de altura, indo até a página seguinte, a palavra *BRASÍLIA*, em vermelho. A página é graficamente ousada, sem que, no entanto, as fotos também sejam.

A revista aposta nas fotografias de grande formato. De um total de 98, 40 fotos, ou 41% do total, é composto por fotos de página dupla, inteira ou página e meia. Este último formato é um recurso gráfico exaustivamente utilizado por *Manchete*, com 22 fotos, ou 22,5 % total, contra apenas uma de toda edição de *O Cruzeiro*. A utilização dos grandes formatos irá se traduzir numa relação de praticamente uma fotografia para cada página (98/100). As fotografias de grande formato são, como em *O Cruzeiro*, na sua maior parte da cidade. São treze fotos de página inteira ou maiores (13% do total e 32% destes formatos), ao passo que JK será contemplado com nove (9% e 22,5%).

A densidade de ocupação do espaço por fotografias não corresponde a uma valorização do fotógrafo traduzida no crédito das fotografias. Há apenas uma menção à autoria, numa matéria com fotos de arquivo da visita que Juscelino, autoridades e imprensa, fizeram em 1956 ao local onde seria erguida a Capital. Assinada "*Reportagem Arnaldo Niskier, Fotos de Equipe*" pode indicar a falta de organização do arquivo fotográfico da Revista. A outra matéria assinada da edição, apesar de trazer duas fotos maiores que meia página, uma de JK chorando e a outra de Israel Pinheiro, ambas na Missa de inauguração, tem apenas o nome do repórter Murilo Melo Filho. A ausência dos créditos fotográficos pode ser justificada devido ao caráter excepcional da edição, uma vez que já era hábito da revista dar crédito tanto a repórteres quanto a fotógrafos. Entretanto, a apresentação da equipe na página 5, indica a pouca importância que a autoria das fotos tem para a Revista.

Além das já mencionadas capas e contracapa, há um caderno colorido no meio da revista. Impresso em papel de maior gramatura que o corpo da edição, é composto de quatro páginas com fotos coloridas, todas com o logotipo de *Manchete* no canto superior. A primeira foto ocupa a página inteira, com bandeiras de vários países em primeiro plano e o Congresso Nacional atrás. Entre os planos, populares na festa de inauguração. A página do meio, que é central também na revista, traz duas fotos do amanhecer em Brasília. A maior, com o Congresso Nacional ainda em obras e a Esplanada dos Ministérios ao fundo ocupa quase



inteiramente as duas páginas. O sol nascente reflete nas paredes laterais dos edifícios dos Ministérios. Abaixo dela, ocupando toda a parte inferior das páginas e com 8,5 cm de altura, uma foto do Palácio da Alvorada também iluminado pelos primeiros raios de sol e a silhueta da capela do Alvorada na contraluz. No canto superior direito o logotipo de *Manchete* com o "M" amarelo sobre tarja vermelha e embaixo o texto: "*21 de abril de 1960 – Brasília amanhece Capital*". A última página do caderno colorido é dedicada ao colunismo social, com uma foto de meia página na parte superior e duas menores embaixo. Coerente com o restante da edição, o caderno colorido também aposta nas fotos de grande formato e usa uma diagramação inovadora na página central. A impressão colorida, o papel de excelente qualidade, a diagramação da página central e o logotipo da revista estrategicamente colocado parecem sugerir ao leitor que a emoldure, numa utilização precursora dos pôsteres.

O primoroso tratamento gráfico desta edição de *Manchete* coroa o excelente relacionamento entre Adolpho Bloch e JK, mas é também ocasião propícia para que a família Bloch demonstre todo seu talento e habilidade técnica, além da paixão pelo ofício, relatada pelo seu primeiro editor Henrique Pongetti:

Eles (*os Bloch*) eram perfeccionistas maníacos e apaixonados por seu negócio. Inúmeras vezes eu me deparei com Boris, Arnaldo, Adolpho e Oscar Bloch deslizando suas mãos sobre resmas de papel especial, reservados somente para trabalhos especiais, como se estivessem acariciando a pele da mulher amada. Eles atingiam o êxtase profissional ao realizarem um trabalho perfeito. Destruíam pilhas de papel pelo menor defeito – invisível aos olhos de qualquer cliente – porque aquilo feria suas retinas como ácido.<sup>15</sup>

A exemplo de *O Cruzeiro* a revista começa com fotos das solenidades oficiais, passa pelas festas populares e fotos de arquitetura e reserva algumas páginas finais ao colunismo social, nomeadamente ao "*O Primeiro Baile*", em matéria "*apresentada*" por Jacinto de Thormes. É interessante notar que mesmo nesta matéria as fotos de pequeno formato têm o dobro do tamanho das de *O Cruzeiro*. Naquela revista são publicadas oito fotos por página enquanto que *Manchete* não traz mais que quatro. A edição é encerrada com a foto de "*uma*

---

<sup>15</sup> SOUZA, Carlos Roberto de. *Fakery and Allegiance to the truth: the use of photography in two Brazilian magazines, Manchete e Realidade – 1966-1972*. Master Degree Thesis in Photography, Brooks Institute of Photography, 1997, p. 72 – apud SILVA, Adriana Hassin. *A Modernidade em Alvorada: Brasília e a imagem do Brasil moderno no fotojornalismo d'O Cruzeiro e da Manchete (1956-1960)*. Dissertação, UFRJ, PPGHIS, 2003. P.52

*mulher do povo*" que "*sob a emoção do momento, rompeu a multidão para beijar, com fervor, a mão do criador de Brasília*". O flagrante ocupa uma página inteira e foi realizado após a Missa Solene.

## A REVISTA DA GRÁFICA E A GRÁFICA DA REVISTA

Em 1960, ano da inauguração de Brasília, O Cruzeiro já desenhava a queda que levaria a sua extinção em 1975.<sup>16</sup> O ano anterior havia sido marcado pela saída de diversos profissionais e a revista vai se transformando no que o fotógrafo José Medeiros classificou como negócio "*caça-níquel de pegar reportagem*".<sup>17</sup>

A criação do Condomínio Acionário das Emissoras e Diários Associados e a conseqüente divisão das ações provocam um fratura nunca sanada nas finanças dos Diários, que irá se refletir em *O Cruzeiro*. Em que pese estes e outros fatores mais comumente apontados como responsáveis pelo declínio de *O Cruzeiro*, como a ausência de Chateaubriand, a corrupção interna, a estagnação técnica, o crescimento de *Manchete* e o fortalecimento da televisão, a qualidade técnica e estética das fotos do *Extra* é patente nesta edição. Não é o mesmo que ocorre com a qualidade gráfica.

Por seu lado, *Manchete* irá apresentar um produto irretocável, de grande apuro gráfico e inegável qualidade fotográfica, fazendo do uso da cor o ponto forte da edição.

A primeira foto de *O Cruzeiro*, já mencionada, com duas cartolas na contraluz, em primeiro plano, com o Congresso ao fundo, marca uma ousadia no uso da linguagem preto e branco dificilmente encontrada em *Manchete*. A segunda, de página inteira, foi tirada de cima para baixo, distante, mostrando JK de costas, acenando sozinho para a multidão e se dirigindo ao parlatório do Palácio do Planalto. Certamente não é uma tomada comum, mas mantém um perfeito equilíbrio entre as massas de cinzas e de branco. A inserção do vulto de Juscelino no fundo branco identifica e valoriza a pequena e solitária figura. Ao lado desta fotografia primorosa outra, também de página inteira, com JK erguendo a Chave da Cidade. Feita com uma teleobjetiva, com definição bastante precária, grãos estourados, tem uma qualidade que não recomendaria jamais sua publicação neste formato. *Manchete* irá publicar a mesma foto

---

<sup>16</sup> A reedição em 1977, quando já pertence a Alexandre von Baumgarten não é considerada aqui.

<sup>17</sup> PEREGRINO, 1991, p. 31



na já mencionada primeira página, em formato pequeno mas sobre uma foto de página dupla, o que lhe confere o destaque que se pretende dar.

As páginas XII e XIII de *O Cruzeiro* são ocupadas pela Câmara dos Deputados com o Congresso Nacional ao fundo. Provavelmente feita com uma grande-angular, a foto enquadra, na sua base, cabeças cortadas, um chapéu e um guarda-chuva aberto, num diálogo ousado com o prédio da Câmara. *Manchete* publica uma foto bem semelhante na página 16. Ocupando toda a página mais 1/3 página seguinte, são mostrados 2/3 do prédio da Câmara, o Congresso e parte do prédio do Senado ao fundo e o enorme céu de Brasília, cortado pelos aviões da Esquadilha da Fumaça, ocupando a outra metade da foto. Na base do prédio da Câmara, como que para fornecer a escala, uma minúscula figura solitária. A fotografia é limpa e equilibrada.

Já a fotografia de um ator representando Tiradentes, num espetáculo noturno ao ar livre, merece de *Manchete* uma foto de página inteira, com definição perfeita. A mesma foto em *O Cruzeiro* vem em pequeno formato (10,5x21 cm), sem foco e com a luz estourada.

O foco perfeito também está ausente nas fotos de encerramento nas duas revistas: em *O Cruzeiro* a gargalhada presidencial e em *Manchete* "o beijo inesperado". Ambos flagrantes que justificam a publicação apesar da definição imperfeita. Entretanto é de se supor que uma foto de JK gargalhando, ainda por cima fora de foco, não seria jamais publicada em página inteira por *Manchete*.

O rigor técnico de *Manchete* contrasta com a falta de apuro de *O Cruzeiro*. A edição exclusiva de *Manchete* irá granjear 17 anúncios especialmente feitos para a ocasião. Destes, apenas sete irão para as páginas de *O Cruzeiro*, que traz matérias e artigos tão diversos como "O vídeo que ri" sobre os dez anos da televisão no Brasil, "Os poetas populares do nordeste: sua ideologia", assinado por Gilberto Freyre, ou "V. já viu São Paulo parar?", ensaio fotográfico sobre a Semana Santa na capital paulista. Não que falte publicidade na revista, mas certamente que um número especial se pagaria.

Há mais que desconsideração pelo aporte publicitário ou insensibilidade quanto à curiosidade do leitor. A relativa importância dada a um evento tão importante para o futuro do país é o reflexo da campanha hostil movida por Assis Chateaubriand através de seu império contra a transferência da capital, apenas amenizada pela obtenção da embaixada em Londres. Uma vez concretizada a transferência, *O Cruzeiro* reage com desprezo e mesmo um certo

despeito, como se pode perceber na coluna de David Nasser desta edição, de título "*Rio, perdoa o ingrato*":

... De qualquer forma, obrigado Juscelino, por fazer disto uma cidade. Com a sua Brasília, fêz do Rio uma cidade autônoma, habitável e mais vazia, embora sem o encanto de sua presença. Nós, os ingratos, nem de longe poderíamos imaginar como é bom viver longe dos políticos, das confusões, de todo êsse aglomerado humano que faz da Côrte uma cidade hostil, atravancada, sem nenhum atrativo. Ninguém podia imaginar que de repente voltássemos, sem sair daqui, a uma ilha de paz, de sol e de perdão. Obrigado Juscelino, por não te haveres esquecido de nossas aflições na hora de nossa morte como capital... Obrigado Juscelino, por haveres trocado esta cidade por uma paixão recente. O Rio te agradece por Brasília, a noiva que preferiste a um velho amor.<sup>18</sup>

Por seu lado *Manchete* irá marcar a transcendência da data com manchetes como: "*Começa aqui a nova história do Brasil: JK recebe as chaves da Capital*", "*A geração que êle lidera tinha um recado para dar à história*" ou "*O maior milagre de Brasília é o espírito de otimismo que a construção da cidade infunde ao País*".

Tendo apostado na derrota do desenvolvimentismo de Juscelino e no fracasso da construção da sua *Meta Síntese*, *O Cruzeiro* aprofunda seu já iniciado divórcio com o leitor ao optar pela publicação de apenas uma "*reportagem completa sôbre a inauguração de Brasília*". Já *Manchete* coroa, com "*Brasília, Edição Histórica*", o bom relacionamento com o presidente e a total harmonia com seu projeto de governo. A vitória de JK é também a vitória de *Manchete* e a pavimentação de seu promissor futuro.

*O Cruzeiro* colhe ainda os frutos de seu glorioso passado, mantendo a tradição de sua alta qualidade fotográfica. Vem do passado também o respeito que a revista dedica ao trabalho dos fotógrafos que é ainda seu grande patrimônio.

---

<sup>18</sup> O Cruzeiro, 7/5/1960 p. 5



## BIBLIOGRAFIA

- BOMENY, Helena. *Utopias de cidade: as capitais do modernismo*. In: GOMES, Angela de Castro (Coord.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro : Ed. Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991
- CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Ideologia do Desenvolvimento – Brasil: JK – JQ*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2ª ed., 1978
- CARNEIRO, Glauco. *Brasil, primeiro: história dos Diários Associados*. Brasília, DF: Fundação Assis Chateaubriand. 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús, "Dislocaciones del tiempo y nuevas topografías de la memoria"
- MARTÍN-BARBERO, Jesús & REY, Germano, "Os Exercícios do Ver, hegemonia audiovisual e ficção televisiva", São Paulo : Editora SENAC, 2001
- MAUAD, Ana Maria. *Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX*. Niterói ; UFF / CEG / ICHF, Programa de Pós Graduação em História, Tese de Doutorado, 465 p. ilus., 1990, mimeog.
- \_\_\_\_\_. *Através Da Imagem; Fotografia e História, Interfaces*. **Tempo**: Revista do Departamento de História da UFF. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, vol 1, nº 2, dez. 1996, RJ, Relume-Dumará, 1996, pp. 73-98.
- MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo : Companhia das Letras, 1994.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo : Brasiliense, 1986
- \_\_\_\_\_. "A Moderna Tradição Brasileira", São Paulo : Brasiliense, 1988
- PEREGRINO, Nadja. *O Cruzeiro – A Revolução Da Fotorreportagem*. Rio de Janeiro : Ágil / Dazibao. 1991
- SILVA, Adriana Hassin. *A Modernidade em Alvorada: Brasília e a imagem do Brasil moderno no fotojornalismo d'O Cruzeiro e da Manchete (1956-1960)*. UFRJ, Programa de Pós Graduação em História, Dissertação de Mestrado, 250 p. 2003. mimeog.
- SODRÉ, Nelson W. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Revisada. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Chapecó/SC :